

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

7 mar 2017 | O Globo

ANNE APPLEBAUM Anne Applebaum é vencedora do Prêmio Pulitzer e escreveu este artigo para o "Washington Post"

É possível deter a extrema-direita na França?

A velha divisão entre esquerda e direita na política europeia já não reflete mais as verdadeiras divisões sociais

As questões em debate este ano na corrida eleitoral da França são amplas e variadas: terrorismo e comércio, a idade de aposentadoria, o legado da França na Argélia e o futuro da França na Europa. Mas, na verdade, apenas uma questão realmente importa: é possível vencer, num importante país ocidental, o coquetel de medo, nacionalismo, nostalgia, ressentimento, uma política externa pró-Rússia e grande participação do Estado na economia — uma filosofia descrita como "extrema-direita" ou "populista", que toma uma forma on-line particularmente virulenta e influenciou vitórias eleitorais recentes nos EUA e no Reino Unido? E se a resposta for "sim", como?

Até ser abatido por um escândalo, François Fillon, o candidato do Partido Republicano, de centro-direita, adotou o que pareceu ser a fórmula mais segura: roube os temas populistas da "extrema-direita" — a Frente Nacional, de Marine Le Pen — e faça deles questões centrais de seu programa. Ao escolher esta estratégia, ele estava copiando Theresa May, a conservadora premier britânica que derrotou o ascendente Partido da Independência (Ukip) ao anunciar que iria abandonar todas as estruturas de comércio da Europa (como queria o Ukip) e tornaria o controle sobre imigração sua prioridade.

A versão de Fillon é levemente distinta — ele defendeu a suspensão da entrada de imigrantes de fora da Europa, maior controle nas fronteiras e uma postura mais dura em relação à assimilação de muçulmanos franceses — mas a ideia básica é a mesma. Como Le Pen, cuja campanha tem sido patrocinada por dinheiro russo, ele fala de amizade com a Rússia. Ele fala abertamente sobre seu catolicismo, com a intenção de afastar de Le Pen os eleitores identificados com os "valores da família". O problema é que a versão de Fillon de "valores da família" incluiu colocar a mulher e os filhos na folha de pagamento do Estado, uma história que simplesmente não evapora.

Isso deixa a disputa nas mãos de Emmanuel Macron, um liberal social e econômico de 39 anos, cuja estratégia é bem diferente. Está claro já há algum tempo que a velha divisão entre esquerda e direita na política europeia já não reflete mais as verdadeiras divisões sociais; e que os novos pontos de discórdia são mais bem descritos como "integracionista" versus "nacionalista", ou, de forma mais bruta, "abertos" versus "fechados". Mas, embora as vozes "fechadas" — partidos como a Frente Nacional de Le Pen ou o Ukip — estejam estabelecidas há tempos, Macron é o primeiro político importante da Europa a atrair apoio das massas ao defender de forma vigorosa e ativa o "aberto".

"Eu defendo a Europa", disse ele a um jornalista britânico. "Se você for tímido, estará morto."

Sua estratégia, até agora, tem sido feita de desafio aos estereótipos ideológicos. Macron tem um passado como banqueiro, mas fala sobre "solidariedade coletiva". Ele foi ministro em um governo socialista, mas disse que "a honestidade me compele a afirmar que não sou um socialista". Em vez de um partido tradicional, ele tem seu próprio movimento, o En Marche! (Avante!), que ele criou em 2016 para difundir o ceticismo. Ele tem convidado cientistas americanos, especialmente aqueles que trabalham com mudança climática e energia limpa, a viverem na França. Ele também quer estender o tapete vermelho para acadêmicos e empresários britânicos marginalizados pela saída de Theresa May da Europa.

Ele também atrai inimigos. Como sua vitória fortaleceria a União Europeia e a Otan, a campanha de Macron acabou por atrair naturalmente a atenção daqueles que querem destruir ambos. Tanto o WikiLeaks (que afirma ter "documento secretos" de todos os candidatos) e o canal de propaganda russo RT tentaram mostrar ligações sinistras entre Macron e Hillary Clinton. A previsível campanha de boatos é conspiratória ("Macron faz parte de uma seita secreta"), antissemita ("Macron trabalha para os Rothschilds") e pessoal ("Macron é gay"). Este tipo de campanha negativa — baseada em insultos e alegações históricas — teve efeitos brilhantes em outros países, e ainda há tempo suficiente para que isso também ocorra na França.

O sucesso de Macron vai depender se ele consegue aguentar a próxima campanha difamatória, e tirar um truque da cartola que até agora tem escapado a seus homólogos britânico, holandês e outros: unir a centro-direita e a centro-esquerda em torno de uma única bandeira, e realizar uma campanha que é patriótica e igualmente "aberta", dura com o terrorismo e igualmente "integracionista".



As apostas são altas. Se ele perder, o liberalismo vai desaparecer da França por uma geração. Mas, se ele ganhar, ele terá muitos imitadores, não apenas na França, mas também no resto do continente e todo o mundo.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)